

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PROVAS DO ENEM (2018 A 2023): UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA E DISCURSIVA SOB A ÓTICA DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

LINGUISTIC VARIATION IN ENEM TESTS (2018 TO 2023): A PRAGMATIC AND DISCURSIVE ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF EDUCATIONAL SOCIOLINGUISTICS

Sarah Batista da Silva Rigonatto¹
Lilian Silva Beltrão Paludo²
Lorrana Martins Bertoluci Sena Marques³

RESUMO: O presente artigo objetivo analisar questões do Enem, de 2018 a 2023, relacionadas à variação linguística, com o intuito de descrever suas abordagens pragmáticas, semânticas e discursivas sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional. Além disso, propõe verificar se houve uma evolução tanto em números e também no tratamento das concepções sobre variação linguística ao longo dos anos. Buscou ainda evidenciar se as questões que tratam da variação no Enem atendem às diretrizes da BNCC. A pesquisa se baseia nas teorias de Bortoni-Ricardo (2020), Andrade e Ko. Freitag (2016) e Faraco (2008), que sustentam as análises e discussões das questões do Enem. O estudo utiliza como procedimento metodológico o método documental, de natureza qualitativa interpretativa, focando nas questões de linguagem, códigos e suas tecnologias das provas do Enem. Em relação ao tratamento da variação nas questões, percebe-se que houve uma difusão significativa na abordagem dos fenômenos linguísticos, pois as questões do Enem correlacionam às habilidades da BNCC, promovendo com isso o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística, ressaltando sua importância para a comunicação e a expressão cultural do nosso país.

5721

Palavras-chave: Variação linguística. Sociolinguística Educacional. ENEM. BNCC.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade no Câmpus de Cora Coralina, na Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). Graduada em Português/Literatura pela UFMT Campus Barra do Garças – MT. Professora da Educação Básica no Estado de Mato Grosso.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade no Câmpus de Cora Coralina, na Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). Graduada em Português/Inglês pela UEG - Câmpus Jussara/GO. Atualmente, professora da Educação Básica no Estado de Mato Grosso, função coordenadora pedagógica.

³Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade no Câmpus de Cora Coralina, na Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). Graduada em Português/literatura pela UFMT – Campus Barra do Garças – MT. Professora da Educação Básica no Estado de Mato Grosso.

ABSTRACT: This article aims to analyze questions on the ENEM (National High School Exam) from 2018 to 2023 related to linguistic variation, describing their pragmatic, semantic, and discursive approaches from the perspective of Educational Sociolinguistics. Furthermore, it aims to verify whether there has been an evolution in both the numbers and the treatment of concepts on linguistic variation over the years. It also seeks to demonstrate whether the questions addressing variation in the ENEM meet the BNCC guidelines. The research is based on the theories of Bortoni-Ricardo (2020), Andrade and Ko. Freitag (2016), and Faraco (2008), which support the analysis and discussion of the ENEM questions. The study uses the documentary method as a methodological procedure, of a qualitative and interpretative nature, focusing on the language, codes, and their technologies of the ENEM exams. Regarding the treatment of variation in the questions, there has been a significant increase in the approach to linguistic phenomena, as the ENEM questions correlate with the BNCC skills, thereby promoting the recognition and appreciation of linguistic diversity, highlighting its importance for communication and cultural expression in our country.

Keywords: Linguistic variation. Educational Sociolinguistics. ENEM. BNCC.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional brasileiro o Enem⁴ se tornou uma das estratégias essenciais para realizar estudos sobre sua estrutura pedagógica e sua conformidade com as diretrizes estabelecidas pelos documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa. Levando em conta sua relevância para as ações pedagógicas que visam melhorar a qualidade da educação.

5722

A presente pesquisa tem como objetivo analisar questões do Enem entre 2018 a 2023 sobre a variação linguística a fim comparar sua natureza pragmática, semântica e discursiva sob a ótica da Sociolinguística Educacional. Busca ainda evidenciar se houve uma evolução no tratamento quanto as concepções sobre variação linguística e se as questões contemplam o que a BNCC⁵ preconiza sobre a variação linguística.

As primeiras discussões que embasam o presente estudo são permeados pela contribuição de Bortoni-Ricardo (2020) com o livro Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula; Um artigo científico intitulado de intitulado A Evolução do Tratamento da Variação

⁴ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. Fonte: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>

⁵ Base Nacional Comum Curricular A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Linguística no Enem das autoras: Andrade e Ko. Freitag (2016); O livro Norma culta brasileira – desatando alguns nós, de Faraco (2008). Esses aportes teóricos serviram de base para os estudos descritivos e as discussões relacionadas as questões sobre variação linguística.

Na segunda parte da pesquisa foi realizado uma análise das questões de provas de linguagem, códigos e suas tecnologias do Enem de cor azul dos anos de 2018 a 2023. Utilizou-se para isso método documental, de natureza qualitativa interpretativa focando nas questões sobre variação linguística. Foi realizado a identificação e categorização das questões do ENEM entre 2018 a 2023 que abordam variação linguística, com o intuito de quantificar o número de episódios de cada ano. Foram selecionadas uma amostra de cada ano do certame a fim de descrever e interpretar como cada uma delas tratam esse fenômeno linguístico, bem como os aspectos da Sociolinguística, sobretudo a educacional.

Por fim foi feito a correlação entre o que a BNCC preconiza sobre a variação linguística e o que o é contemplado no Enem. Como resultado da pesquisa percebe-se que houve uma evolução nas ocorrências sobre variação linguística nas provas do Enem, como é apresentado nos dados. Em relação ao tratamento da variação nas questões percebe-se que houve uma difusão significativa de abordar os fenômenos linguísticos.

As questões do Enem demonstram uma correlação com as habilidades propostas pela BNCC, especificamente a habilidade EM13LP10, que incentiva a análise de diferentes fenômenos linguísticos, incluindo variações fonológicas, regionais, sociais, geográficas e lexicais. A partir disso, infere-se que o exame reconhece e valoriza as diferentes formas de uso da língua, destacando a importância da variação linguística tanto para a comunicação eficaz quanto para a expressão cultural.

5723

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Breves reflexões acerca da pedagogia da variação linguística e seus desafios educacionais

O ensino de língua portuguesa tem sido amplamente debatido, considerando sua relevância crucial na formação acadêmica do aluno. Segundo Andrade e Freitag (2016), a língua materna desempenha um papel fundamental, pois é através dela que os estudantes desenvolvem as habilidades necessárias para obter um desempenho satisfatório em outras disciplinas e áreas do conhecimento. Dessa forma, a aprendizagem da língua não se limita apenas ao domínio de

regras gramaticais, mas se estende à compreensão das normas de comportamento linguístico que governam a interação dentro dos diferentes grupos sociais a que os indivíduos pertencem.

Diante desse cenário a pedagogia da variação linguística proposta pelos autores aqui referendados deve ser pensada em diferentes ângulos no que se refere aos fenômenos que a envolve, entende-la é o primeiro passo que nós professores de língua devemos ter, visto que é a partir disso que podemos de fato conhecer e respeitar as diferenças oriundas da língua, como salienta Bortoni-Ricardo (2005, p. 15).

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder da persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades.

Percebe-se que é na escola que se deve dar o devido reconhecimento sobre a heterogeneidade da língua, dar o devido valor às diferenças sociolinguísticas. Professores e alunos precisam estar cientes de que existem várias maneiras de expressar a mesma ideia. Além disso, essas formas alternativas podem ser mais ou menos monitoradas a depender do propósito comunicativo do falante.

Em contrapartida, o conhecimento consistente e consciente da variação linguística não é fácil de ser apreendida, nem por parte de nós professores, nem tão pouco pelos alunos que não tiveram uma formação acadêmica em línguas. Mas há outros desafios a respeito das variedades linguísticas que segundo Faraco (2008, p. 29) aponta:

O uso inflacionado da expressão norma culta pode ter facilitando a vida e o discurso de algumas pessoas, mas pouco ou nada tem contribuído para fazermos avançar nossa cultura linguística. Continuamos uma sociedade perdida em confusão em matéria de língua: temos dificuldades para reconhecer nossa cara linguística, para delimitar nossa(s) norma(s) culta(s) efetiva(s) e, por conseqüência, para dar referências consistentes e seguras aos falantes em geral e ao ensino de português em particular.

Realmente, são ainda inúmeros os desafios que o professor de línguas enfrenta como o autor discorre no trecho. Primeiro o de mostrar aos alunos as contradições da língua, entrar em consenso sobre os conceitos de norma padrão ou de norma culta. Segundo o de entender e ensinar as variedades linguísticas a fim de combater o preconceito linguístico.

Diante disso, fica o a questão: Como proporcionar aos alunos uma consistência sobre o ensino de língua, proporcionar discussões e acepções sobre a variedades linguísticas presentes no português brasileiro de forma mais efetiva e segura? Certamente a resposta a essa questão não é fácil, visto que a dificuldade que ora, encontramos, é bem mais complexa.

De acordo com Faraco (2008) embora haja a intervenção dos linguistas sobre a incorporação do tema da variação no discurso pedagógico, ainda não houve um desenvolvimento pedagógico adequada para essa área. Diante de tal problemática, o autor explica que isso se dá, possivelmente porque, como sociedade, não há discussões suficientes sobre nossa realidade linguística heterogênea, bem como a violência simbólica que a permeia. Ele discute ainda que para que isso se efetive primeiro precisamos compreender conceitos básicos da

Nesse viés se faz necessário fortalecer cada vez mais, dentro do ambiente escolar projetos educativos que visem minimizar tal realidade. A respeito disso Bordoni-Ricardo (2021, p. 244) enfatiza dizendo que,

Para a maioria da população brasileira, a Língua Portuguesa é língua primeira, aprendida no lar, mas é na escola que a competência comunicativa dos brasileiros se amplia, no sentido de que há um esforço de metalinguagem que vai contemplar a reflexão sobre os recursos e os usos adequados.

De fato, o primeiro contato com a língua materna é no ambiente doméstico e isso precisa ser levado em conta, sempre, entretanto buscar caminhos para desenvolver no estudante a competência comunicativa necessária para viver em sociedade de forma segura e sem preconceito linguístico é dever da escola. Diante disso, retorno a pergunta anterior: como fazer isso com uma proposta curricular já estabelecida, imposta às escolas.

5725

Para Freitas e Martins (2023 p. 92) “conteúdos que não contemplam a abordagem da variação linguística, mudança linguística e preconceito linguístico limitam o ensino e aprendizagem do alunado.” Certamente o ensino e aprendizagem de língua portuguesa sempre passou por incontáveis críticas, ensinar a gramática numa abordagem mais contextualizada e desprendida da norma padrão pode soar a muitos letrados um descompromisso por parte dos professores de língua e ao contrário disso, estamos diante do preconceito linguístico. Na verdade, estamos mesmo é diante de um dilema linguístico.

Desse modo, como enfatiza os autores citados a pedagogia da variação linguística se torna uma arma poderosa contra qualquer preconceito às diferenças existentes em uma língua e acima de tudo ela é uma ferramenta teórica-metodológica para o professor de línguas que busca enriquecer e ampliar os conhecimentos acerca dos fenômenos linguísticos de forma mais consistente a fim de construir uma educação mais inclusiva e socialmente consciente.

MATERIAL E MÉTODO

Material

Para a contextualização e descrição das análises das provas, selecionei seis exemplares de cada ano de referência de questões que abordam a variação linguística de provas de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias do Enem, de cor azul, entre os anos de 2018 a 2023. De todas as provas foram encontradas vinte e seis questões que abordam de forma mais específica a variação linguística. No entanto para as discussões e análise dos dados foram selecionadas seis questões, ou seja, uma amostra por ano. As demais questões estão em anexo desse artigo.

MÉTODO

O método é o documental com o olhar específico para as questões sobre variação linguística, bem como a sociolinguística educacional. Esse tipo de pesquisa se caracteriza por “tomar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ter sido feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.” Marcone e Lakatos (2017, p. 193).

5726

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

As questões foram analisadas com base nos seguintes critérios:

Pragmático: Como as questões abordam o uso da linguagem, em contextos específicos e a intenção comunicativa;

Semântico: O significado das palavras e expressões utilizadas nas questões;

Discursivo: A construção do discurso e a interação entre os elementos linguísticos nas questões. Tudo isso atravessado pelas discussões e acepções embasadas em teorias linguísticas.

Para facilitar a análise das questões foram selecionadas apenas seis amostras de cada ano do certame. Em seguida os comentários e discussões a respeito das ocorrências da variação nas provas do Enem.

A primeira questão a ser analisada é a de número 37 de 2018 da prova e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Figura 1 – Aspectos socioculturais identitários

QUESTÃO 37

“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialetto secreto” utilizado por gays e travestis

Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade

“Nhai, amapô! Não faça a loka e pague meu acuê, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialetto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acuê’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1.300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: www.midiamax.com.br. Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha *status* de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- ☐ A ter mais de mil palavras conhecidas.
- ☐ B ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- ☐ C ser consolidado por objetos formais de registro.
- ☐ D ser utilizado por advogados em situações formais.
- ☐ E ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

Fonte: Enem, 2018, p.16 - Caderno 1 - Azul

Ao analisar a questão em foco percebe-se que o enunciado direciona a resposta para alternativa C, pois de acordo com a perspectiva do usuário o pajubá ganha *status* de dialeto devido a consolidação de objetos formais no caso, o dicionário Aurélia, a dicionária da língua afiada. Desse modo, o tratamento do dado a variação linguística nessa questão direciona para os aspectos sociais e grupos identitários e, portanto, as críticas e divergências nesse cenário apontam para o preconceito linguístico existente entre os usuários da língua. Inclusive essa questão foi bastante polêmica por abordar um tema em que há pontos de vistas difusos e controversos, sobretudo por parte das ideologias vigentes na época.

Diante do exposto Bordoni-Ricardo (2005, p.23) enfatiza dizendo que “Quando usamos a língua para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio.” A esse domínio pode-se inferir que cabe ao falante da língua explorar novas formas de entendê-la além de seu sistema convencional/estrutural, questionando e atribuindo novos significados de acordo com o contexto interacional.

Acreditamos que ir contra a hegemonia linguística é para muitos uma questão de falta de responsabilidade no trato linguístico. Entretanto percebo que do ponto de vista da sociolinguística é justamente ao contrário, pois o “Pajubá” é reconhecido como dialeto justamente por fazer parte de um grupo social, e este deve ser pensado antes de quaisquer

normas atribuídas à língua, ou seja, deve-se respeitar como os sujeitos a constitui em sua interação sociocultural.

A segunda questão a ser analisada é a de número 45 de 2019 da prova e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Figura 2 – Aspectos estilístico e fonológico

Questão 45

Irerê, meu passarinho do sertão do Cariri,
Irerê, meu companheiro,
Cadê viola? Cadê meu bem? Cadê Maria?
Ai triste sorte a do violeiro cantadô!
Ah! Sem a viola em que cantava o seu amô,
Ah! Seu assobio é tua flauta de irerê:
Que tua flauta do sertão quando assobia,
Ah! A gente sofre sem querê!
Ah! Teu canto chega lá no fundo do sertão,
Ah! Como uma brisa amolecendo o coração,
Ah! Ah!
Irerê, solta teu canto!
Canta mais! Canta mais!
Prá alembra o Cariri!

VILLA-LOBOS, H. *Bachianas Brasileiras* n. 5 para soprano e oito violoncelos (1938-1945). Disponível em: <http://euterpe.blog.br>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Nesses versos, há uma exaltação ao sertão do Cariri em uma ambientação linguisticamente apoiada no(a)

- ☐ A uso recorrente de pronomes.
- ☐ B variedade popular da língua portuguesa.
- ☐ C referência ao conjunto da fauna nordestina.
- ☐ D exploração de instrumentos musicais eruditos.
- ☐ E predomínio de regionalismos lexicais nordestinos.

LC - 1º dia | Caderno 1 - AZUL - Página 19


Fonte: Enem, 2019, p.19 - Caderno 1 - Azul

Ao analisar a questão em foco percebe-se que o enunciado direciona a resposta para alternativa B – o apoio linguístico dado ao poema/canção de Villa Lobos se deve ao fato do uso da variedade popular da língua portuguesa nos termos “cantadô”, “amô”, “querê”, “prá” e “alembra”. Senso assim, os aspectos observáveis no texto são de natureza fonológica, no entanto elas se diferenciam em suas variáveis.

Segundo Bortoni-Ricardo (2021, p. 88) “Vários são os processos que operam na língua e abrem sílabas fechadas, removendo a consoante final da sílaba.” A exemplo disso vemos nos três primeiros termos esse fenômeno, e dá-se o nome de “neutralização” processo que ocorre pela supressão do /r/ e do /l/. Já em “alembra” ocorre processo distinto ao anterior como discorre Bortoni-Ricardo (2021, p. 89) “Temos a prótese de /a/ em palavras iniciadas em consoantes: “alembra”, que está dicionarizada, e “arreunir”. E por fim temos a variante “prá” considerada comum na oralidade, bem como em textos literários.

A terceira questão a ser analisada é a de número 09 de 2020 da prova e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Figura 3 – Variação regional

Questão 9 

É possível afirmar que muitas expressões idiomáticas transmitidas pela cultura regional possuem autores anônimos, no entanto, algumas delas surgiram em consequência de contextos históricos bem curiosos. "Aquele é um cabra da peste" é um bom exemplo dessas construções.

Para compreender essa expressão tão repetida no Nordeste brasileiro, faz-se necessário voltar o olhar para o século 16. "Cabra" remete à forma com que os navegadores portugueses chamavam os índios. Já "peste" estaria ligada à questão da superação e resistência, ou mesmo uma associação com o diabo. Assim, com o passar dos anos, passou-se a utilizar tal expressão para denominar qualquer indivíduo que se mostre corajoso, ou mesmo insolente, já que a expressão pode ter caráter positivo ou negativo. Aliás, quem já não ficou de "nhe-nhe-nhém" por aí? O termo, que normalmente tem significado de conversa interminável, monótona ou resmungo, tem origem no tupi-guarani e "nhém" significa "falar".

Disponível em: <http://leituradahistoria.uol.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2017.

A leitura do texto permite ao leitor entrar em contato com

- A** registros do inventário do português brasileiro.
- B** justificativas da variedade linguística do país.
- C** influências da fala do nordestino no uso da língua.
- D** explorações do falar de um grupo social específico.
- E** representações da mudança linguística do português.

Fonte: Enem, 2020, p. 7 - Caderno 1 - Azul

5729

Com base na questão acima percebe-se que a variação linguística encontra-se em “cabra da peste”, expressão típica do Nordeste brasileiro. Assim também no uso de termos como “caboclo” e “nhém-nhém-nhém”, que refletem peculiaridades regionais na fala e no vocabulário. É um texto informativo sobre a origem de certos termos e como determinadas regiões absorvem em seus vocabulários e com isso é transmitido de geração a geração e muitas vezes desconhecem seus significados. Mas é importante destacar que essas variações se relacionam com a história e a cultura local. Portanto, a questão trata de como a variação regional do português reflete a diversidade cultural e histórica do Brasil, especialmente no contexto nordestino, por isso a melhor alternativa é a letra A – registros do inventário do português brasileiro.

A quarta questão a ser analisada é a de número 07 de 2021 da prova e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Figura 4 – Aspectos regionais locais

Questão 07 enem2021

A draga

A gente não sabia se aquela draga tinha nascido ali, no Porto, como um pé de árvore ou uma duna.

— E que fosse uma casa de peixes?

Meia dúzia de loucos e bêbados moravam dentro dela, enraizados em suas ferragens.

Dos viventes da draga era um o meu amigo Mário-pega-sapo.

[...]

Quando Mário morreu, um literato oficial, em necrológio caprichado, chamou-o de Mário-Captura-Sapo! Ai que dor!

Ao literato cujo fazia-lhe nojo a forma coloquial.

Queria *captura* em vez de *pega* para não macular (sic) a língua nacional lá dele...

[...]

Da velha draga

Abrigo de vagabundos e de bêbados, restaram as expressões: *estar na draga*, *viver na draga por estar sem dinheiro*, *viver na miséria*

Que ora ofereço ao filólogo Aurélio Buarque de Hollanda Para que as registre em seus léxicos

Pois que o povo já as registrou.

BARROS, M. Gramática expositiva do chão: poesia quase toda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990 (fragmento).

Ao criticar o preciosismo linguístico do literato e ao sugerir a dicionarização de expressões locais, o poeta expressa uma concepção de língua que

- ☐ A contrapõe características da escrita e da fala.
- ☐ B ironiza a comunicação fora da norma-padrão.
- ☐ C substitui regionalismos por registros formais.
- ☐ D valoriza o uso de variedades populares.
- ☐ E defende novas regras gramaticais.

Fonte: Enem, 2021, p.7 - Caderno 1 - Azul

5730

A concepção de língua defendida pelo poeta mato-grossense é que se deve valorizar do uso de variedades populares, indicando como correta a alternativa D. Isso se justifica pelo uso das expressões como "estar na draga" e "viver na draga," que são coloquialismos associados a classes sociais não letradas, ou seja, de menor prestígio.

O autor Manuel de Barros critica justamente essa supervalorização da norma culta, do “preciosismo literato” evidenciando com isso discussões sobre o registro formal e informal da linguagem, bem como os diferentes níveis de prestígio social que a língua tem. Assim, o tratamento dado a variação linguística se trata de elementos regionais locais e por isso podem se modificar de acordo com os fatores culturais do falante. Por exemplo, a palavra “draga” pode ter outra conotação, a depender do contexto ela pode significar - “fome exagerada”, por fazer uma espécie de analogia com o maquinário draga.

A quinta questão a ser analisada é a de número 24 de 2022 da prova e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Figura 9 – Aspectos estilísticos com variações do registro formal

QUESTAO 24

O complexo de falar difícil

O que importa realmente é que o(a) detentor(a) do notável saber jurídico saiba quando e como deve fazer uso desse português versão 2.0, até porque não tem necessidade de alguém entrar numa padaria de manhã com aquela cara de sono falando o seguinte: "Por obséquio, Vossa Senhoria teria a hipotética possibilidade de estabelecer com minha pessoa uma relação de compra e venda, mediante as imposições dos códigos Civil e do Consumidor, para que seja possível a obtenção de 10 pãezinhos em temperatura estável para que a relação pecuniária no valor de R\$ 5,00 seja plenamente legítima e capaz de saciar minha fome matinal?".

O problema é que temos uma cultura de valorizar quem demonstra ser inteligente ao invés de valorizar quem é. Pela nossa lógica, todo mundo que fala difícil tende a ser mais inteligente do que quem valoriza o simples, e 99,9% das pessoas que estivessem na padaria iriam ficar boquiabertas se alguém fizesse uso das palavras que eu disse acima em plenas 7 da manhã em vez de dizer: "Bom dia! O senhor poderia me vender cinco reais de pão francês?".

Agora entramos na parte interessante: o que realmente é falar difícil? Simplesmente fazer uso de palavras que a maioria não faz ideia do que seja é um ato de falar difícil? Eu penso que não, mas é assim que muita gente age. Falar difícil é fazer uso do simples, mas com coerência e coesão, deixar tudo amarradinho gramaticalmente falando. Falar difícil pode fazer alguém parecer inteligente, mas não por muito tempo. É claro que em alguns momentos não temos como fugir do português rebuscado, do juridiquês propriamente dito, como no caso de documentos jurídicos, entre outros.

ARAÚJO, H. Disponível em: www.diariojurista.com. Acesso em: 20 nov. 2021 (adaptado).

Nesse artigo de opinião, ao fazer uso de uma fala rebuscada no exemplo da compra do pão, o autor evidencia a importância de(a)

- A) se ter um notável saber jurídico.
- B) valorização da inteligência do falante.
- C) falar difícil para demonstrar inteligência.
- D) coesão e da coerência em documentos jurídicos.
- E) adequação da linguagem à situação de comunicação.

Fonte: Enem, 2022, p. 12 - Caderno 1 - Azul

O texto discute e ao mesmo tempo critica o uso de um registro formal, caracterizado por termos jurídicos complexos e uma linguagem rebuscada em ambientes não formais, como em uma padaria, por exemplo. Sugere que uma forma de comunicação mais acessível e clara pode ser mais eficaz em determinadas situações. Por isso a resposta verdadeira a essa questão se encaixa na alternativa E – evidenciando então importância da adequação da linguagem à situação de comunicação. Conforme aponta (Camacho 2003 p.55) “A linguagem é sem dúvida alguma a expressão mais características de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções socio-interacionais.” É imprescindível destacar o que o autor diz, pois é a partir da linguagem e por ela que alcançamos nosso objetivo comunicativo e, portanto, ela precisar ser assertiva, e a escolha lexical adequada ao contexto faz toda a diferença.

E por fim a sexta e última questão a ser analisada é a de número 16 de 2023 da prova e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Figura 6 – Aspecto sociocultural

QUESTÃO 16

Mandioca, macaxeira, aipim e castelinha são nomes diferentes da mesma planta. Semáforo, sinaleiro e farol também significam a mesma coisa. O que muda é só o hábito cultural de cada região. A mesma coisa acontece com a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Embora ela seja a comunicação oficial da comunidade surda no Brasil, existem sinais que variam em relação à região, à idade e até ao gênero de quem se comunica. A cor verde, por exemplo, possui sinais diferentes no Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo. São os regionalismos na língua de sinais.

Essas variações são um dos temas da disciplina Linguística na língua de sinais, oferecida pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) ao longo do segundo semestre. "Muitas pessoas pensam que a língua de sinais é universal, o que não é verdade", explica a professora e chefe do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da Unesp. "Mesmo dentro de um mesmo país, ela sofre variação em relação à localização geográfica, à faixa etária e até ao gênero dos usuários", completa a especialista.

Os surdos podem criar sinais diferentes para identificar lugares, objetos e conceitos. Em São Paulo, o sinal de "cerveja" é feito com um giro do punho como uma meia-volta. Em Minas, a bebida é citada quando os dedos indicador e médio batem no lado do rosto. Também ocorrem mudanças históricas. Um sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração que o utiliza.

Disponível em: www.educacao.sp.gov.br. Acesso em: 1 nov. 2021 (adaptado).

Nesse texto, a Língua Brasileira de Sinais (Libras)

- ☐ A passa por fenômenos de variação linguística como qualquer outra língua.
- ☐ B apresenta variações regionais, assumindo novo sentido para algumas palavras.
- ☐ C sofre mudança estrutural motivada pelo uso de sinais diferentes para algumas palavras.
- ☐ D diferencia-se em todo o Brasil, desenvolvendo cada região a sua própria língua de sinais.
- ☐ E é ininteligível para parte dos usuários em razão das mudanças de sinais motivadas geograficamente.

Fonte: Enem, 2023, p. 10 - Caderno 1 - Azul

5732

O texto em questão aborda como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) possui variações regionais, e com sinais diferentes sendo utilizados em várias partes do Brasil. Discute ainda como essas variações se assemelham às variações de palavras em português, como "mandioca", "macaxeira" e "aipim", que variam conforme a região do país. Desse modo, o reconhecimento de que a Libras, assim como a língua falada, pode sofrer alterações regionais, geográficas e culturais, evidencia a variação linguística regional como o foco do texto.

Além dos fatores regionais presentes no texto o autor traz para os leitores informações preciosas sobre a Língua de Sinais (Libras), de que ela se modifica através dos tempos e se adapta como qualquer outra língua.

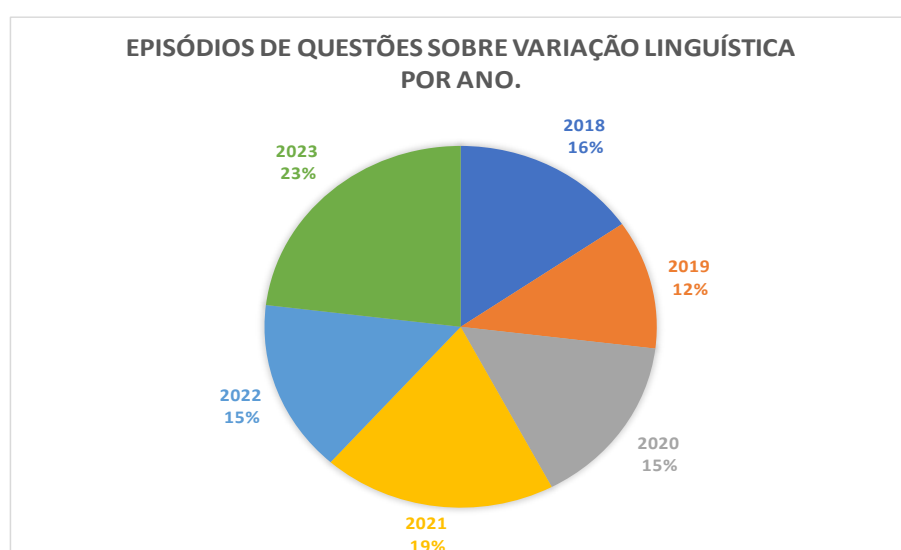
Assim, as observações e análises linguísticas das questões selecionadas revelam que os aspectos da variação linguísticas presentes nelas apontam uma predominância da variação regional, seguida por aspectos socioculturais e de registro formal/informal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

PERCENTUAL DE QUESTÕES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA POR ANO

No decorrer de seis edições do certame entre 2018 a 2023 foram identificados o total 26 episódios de questões de língua portuguesa que tratam sobre a variação linguística. Conforme mostra o gráfico abaixo:

Figura 7 – Recorrência de episódios sobre variação linguística



Fonte: criado pela autora

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados revelam que o ano de 2023 apresenta a maior porcentagem de episódios sobre a variação linguística com 23% do total. Já o ano de 2019 tem a menor participação, com 12%. Na sequência os anos de 2020 e 2022 têm a mesma porcentagem, ambos com 15%. Em 2021, houve um aumento significativo em relação aos dois anos anteriores com 19% dos episódios sobre variação linguística. e por fim em 2018 teve 16% de ocorrências. Apesar do gráfico revelar que em 2019 houve menos episódios, mesmo assim, apresentou um crescimento ao longo dos anos.

DIÁLOGOS ENTRE BNCC E O ENEM

De acordo com Freitas e Furjam (2016) a integração de teorias linguísticas nas orientações curriculares oficiais marcou significativamente o campo educacional brasileiro a

partir dos anos 80, e isso reflete nos documentos oficiais como a prova do Enem e livros didáticos. Sendo assim, no que concerne os documentos oficiais trazemos o que a BNCC preconiza e orienta a respeito da variação linguística, foram selecionadas para esse estudo duas habilidades gerais da área de linguagem e cinco habilidades específicas da língua portuguesa do ensino médio, são elas: (EM13LGG401); (EM13LGG402); (EM13LP10); (EM13LP01); (EM13LP02); (EM13LP03); (EM13LP04).

Das análises linguísticas realizadas as questões apontam em sua maioria para a variação regional como visto nas questões 09 e 07 de 2020 e 2021 respectivamente. Observa-se ainda na questão 45 de 2019 a variação regional, porém destacado pela variedade popular e aspectos fonológicos. Na questão de 2022 destaca-se o registro formal e informal, bem como a questão de adequação a situação de comunicação. Foi encontrado também nas perspectivas socioculturais e papéis sociais identitários como no caso da questão 37 de 2018.

Sendo assim, das descrições realizadas na perspectiva da variação linguística percebe-se que houve correlação das habilidades da BNCC nas questões do Enem. Verifica-se isso, por exemplo na habilidade (EM13LP10) que propõe analisar os diversos fenômenos da língua, existentes na diversos níveis, como o fonológico, o regional, social, geográfico, lexical, entre outros. Por isso podemos inferir que houve reconhecimento e a valorização das diferentes formas de uso da língua, bem como a compreensão da importância da variação linguística para a comunicação e a expressão cultural da língua.

5734

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é a principal ferramenta de comunicação humana, essencial para a interação e construção de laços sociais. Por isso ela reflete as normas, valores e culturas de uma sociedade, permitindo que os indivíduos se conectem, compartilhem ideias, e expressem identidades coletivas e individuais. Além disso, a linguagem é uma construção cognitiva complexa, que envolve processos mentais avançados, como a compreensão, a produção de palavras e frases, e a capacidade de criar significados abstratos.

Desse modo, a pesquisa buscou apresentar um panorama geral das questões que tratam da variação linguística. Elas foram analisadas em ordem cronológica, observando como elas refletem o que a BNCC preconiza para o tratamento da variação. Diante disso percebe-se que houve sim uma evolução tanto quantitativamente quanto qualitativa nas discussões sobre a variação linguística, isso é um fator importante para o cenário educacional.

Assim, entender a língua como um processo de mudança é perceber suas relações socio-históricas e culturais, e, por isso é importante ao professor de línguas ensiná-la em uso antes mesmo de ensiná-la gramaticalmente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S.R. J; FREITAG A. R. M. K. Evolução do Tratamento da Variação Linguística no Enem. Revista 293SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 19/1, p. 293-320, jun. 2016.

BORTONI-RICARDO, S. M.; Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Ed., 2005.

BORTONI R. S. M. Educação em língua materna:[recurso eletrônico]: a sociolinguística na sala de aula. 1ed. – São Paulo: Parábola, 2020.

BORTONI R. S. M. Português brasileiro – a língua que falamos. 1ed. São Paulo: Contexto, p. 87 – 127 - 2021.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> acesso em 05 ago.2024.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: Parte II: In MUSSALIM. F; BENTES, C. Anna. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Cortez editora, 2021.

5735

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa. Brasília INEP, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos> Acesso em 14 de ago 2024.

FARACO, C. A. N. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. ed. Parábola Editorial, 2008.

FREITAS, A. F. L; MARTINS, M. Língua Portuguesa na escola: uma análise sociolinguística educacional de livro didático. p. 88-106. (Ebook).

LAKATOS, E. M.; MARCONI, A. M. Fundamentos de metodologia científica. – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

SILVA, B. F, ROMUALDO, E.C; PEREIRA, B. H. Da variação linguística à “Pedagogia da variação” descrição e ensino de português. ed. Pedro e João, 2015.